

Desmudas¹

Nathanael Lopes Filgueiras²

Frida Tainá Popp Torres³

Gustavo Linhares Roriz

Maria Isabella Sousa Miranda

Nyara Oliveira Cavalcante

Daniel Dantas Lemos⁴

Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE

RESUMO

No corpo, um veneno. Instituições, doutrinas e crenças, com seus fortes odores, percorrem cada curva e se apropriam de um direito. O privado torna-se escasso. A posse é um bem distante para elas. O veneno ainda escorre. Elas o limpam. Neste trabalho explicamos a realização do ensaio Desmudas, que por meio de um nu artístico reproduz os mecanismos de controle impostos sobre o corpo feminino. Descrevemos detalhadamente o ensaio composto de 10 fotos e veiculado na revista Reticências, produção dos alunos de Jornalismo da Universidade Federal do Ceará, no segundo semestre de 2013.

PALAVRAS-CHAVE: desmudas; direito ao corpo; fotografia; nu artístico; revista reticências.

1 INTRODUÇÃO

A produção acadêmica, por vezes, nos coloca em situações em que a criatividade e o experimentalismo devem ser trabalhados com intensidade. Nessa perspectiva, podemos entender que a sala de aula é, sem dúvidas, um espaço rico para a criação e estímulo de ideias. Em 2013 a disciplina de Impresso I, do curso de Jornalismo, da Universidade Federal do Ceará (UFC) propôs aos alunos um desafio: assistir ao filme “Histórias cruzadas” (The Help, 2011) e extrair dele um tema de relevância social para ser discutido na revista Reticências, produto final da cadeira.

Foram sugeridos temas como “Racismo”, “Preconceito”, “O papel da mulher na década de 60”, “Empregadas domésticas” entre outros assuntos. Percebendo que muitas das sugestões convergiam ao tema central “Mulher”, ficou decidido, em votação, que esse assunto proporcionaria uma amplitude de abordagens, fomentando o debate e o experimentalismo buscado no antro acadêmico.

¹ Trabalho submetido ao XXI Prêmio Expocom 2014, na Categoria Produção Transdisciplinar, modalidade Ensaio Artístico.

² Aluno líder do grupo e estudante do 5º Semestre do Curso de Jornalismo na Universidade Federal do Ceará (UFC). Email: nathanaelfilgueiras@gmail.com

³ Coautores do trabalho e estudantes do 4º e 5º Semestre do Curso de Jornalismo na Universidade Federal do Ceará (UFC).

⁴ Orientador do trabalho. Bacharel em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Mestre e doutor em estudos da linguagem pela UFRN. Professor do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Ceará (UFC). Email: danieldantas79@uol.com.br

Orientados pelo professor Daniel Dantas Lemos, foi realizada uma reunião de pauta para definir quais abordagens trataríamos na edição do exemplar e que formatos jornalístico-literários seriam contemplados. Reportagens, entrevistas, crônicas, perfis e ensaios fotográficos falariam de gênero, direito ao corpo, profissões, buscando retratar a mulher nos mais variados aspectos. Com equipes prontas e caminhos definidos, a revista ganhava forma na imaginação dos alunos e a produção começou.

Devido ao apreço pela fotografia, os autores deste trabalho optaram por realizar um ensaio artístico. Assim surgiu o ensaio fotográfico Desmudas. Este trabalho busca explicar os caminhos tomados pela equipe para a realização do ensaio, da ideia inicial à finalização. Detalhamos também a importância do trabalho para a discussão do tema “direito ao corpo”, levantado por discursos feministas, na academia e na sociedade.

2 OBJETIVO

Reproduzido na revista Reticências, edição 01, o ensaio artístico Desmudas tem como principal objetivo provocar a sociedade e fomentar debates que discutam a liberdade de expressão e o direito que a mulher tem sobre o próprio corpo, alguns dos discursos feministas mais conhecidos. De forma experimental, buscamos utilizar o nu artístico para reproduzir algumas prisões impostas ao corpo feminino, pouco discutidas em toda a esfera social, e refletir o quanto cada mecanismo viola o direito de ser feminino.

Além de oferecer ao leitor uma reflexão sobre o tema, pudemos mostrar como, não só as instituições e religiões exercem um “poder” sobre o corpo feminino, mas como algumas crenças e construções sociais levam à hierarquização dos gêneros, gerando medo e coibindo a expressão legítima dos corpos.

3 JUSTIFICATIVA

O discurso feminista relacionado ao corpo tem início em entre os anos de 1960 e 1970, quando a ciência e a tecnologia avançam a ponto de interferir e controlar o que é privado. Ao projetar essa crítica aos mecanismos de controle do corpo e sexualidade feminina, o feminismo “busca(va) subverter as relações de gênero que perpassa(va)m o conjunto das relações sociais.” (SCAVONE, 2010). Com o grito “nosso corpo nos pertence” o feminismo tenta retirar o corpo do domínio público, lutando inicialmente pela legalização do aborto e fim da violência de gênero. A mercantilização do corpo feminino e

o tráfico de mulheres (em uma relação de causa e consequência) também são motivos relevantes para o autodomínio do corpo e discutidos posteriormente pela causa.

Politizar o privado significa ampliar a visão política para além dos limites da esfera pública e de suas implicações institucionais, como também, considerar que as relações de poder entre os gêneros atravessam as duas esferas, isto é, o conjunto das relações sociais. (SCAVONE, 2010, p.48.)

No trabalho ou nas ruas, as mulheres são as principais vítimas de assédio sexual e moral. Tais casos, bem como os altos números de casos de violência doméstica, são sintomas de uma sociedade patriarcal e machista, que precisa de mais rigor no que diz respeito aos casos de violência à mulher. Acreditando que na universidade temos um espaço democrático e aberto às discussões, a realização do ensaio e sua veiculação seria uma forma excelente para provocar a sociedade e gerar reflexões.

Uma publicação jornalística sobre mulher que não tratasse do “direito ao corpo” correria um grande risco de se tornar superficial. Partindo desse fato, o ensaio *Desmudas* mostra-se relevante para aprofundar o debate proposto pela revista e enriquecer a produção acadêmica.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Para captar a expressão de um corpo, por meio de um nu artístico, é importante ter a consciência de que o corpo também comunica, afinal “pela linguagem do corpo, você diz muitas coisas aos outros.” (WEIL & TOMPAKOV, 2002). As imagens registradas no ensaio buscam retratar, fielmente, os sentimentos das cinco mulheres que participaram do projeto.

“A nudez do corpo humano sempre fascinou os artistas, mas é um dos objetos (sic) mais difíceis de abordar com sucesso em fotografia.” (HEDGE COE, 2005). Partindo desse fato, podemos dizer que, por meio de métodos experimentais, tentamos fazer os registros de forma natural, eliminando quaisquer constrangimentos que pudessem existir e trazer ao ensaio uma questão social.

Os olhares, os gestos e as próprias curvas do corpo pretendem mostrar ao leitor como os mecanismos de controle inibem a sexualidade da mulher. Dessa forma, temos rostos medrosos, aflitos, frios e provocantes reproduzindo as prisões do corpo feminino em fotos com escala de cinzas.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

Inicialmente tivemos uma grande dificuldade para encontrar modelos dispostas a posar para as fotos que pretendíamos fazer. O que desmotivava as mulheres era o constrangimento em estarem desnudas frente às câmeras e, mais do que isso, ter as fotografias publicadas em uma revista. Sem desistir do nosso propósito, buscamos, em grupos de feministas, mulheres que estivessem dispostas a expor o corpo e, principalmente, que estivessem de acordo com os ideais do projeto.

Após conseguir a primeira modelo, as outras quatro vieram com mais facilidade. Conhecendo as mulheres e conversando com elas, fizemos um planejamento do tipo de fotos que queríamos obter e o que queríamos comunicar com elas. Realizados alguns esboços, o próximo passo seria reservar o estúdio de fotografia para a realização do ensaio. Infelizmente nos deparamos com mais dificuldades.

A utilização do estúdio e do equipamento de iluminação lá presente só poderia ser feita na presença da monitora da disciplina de foto publicidade. A incompatibilidade de horários não permitia que usássemos o espaço da universidade e, enquanto isso, o prazo se aproximava cada vez mais. Com muito esforço, conseguimos uma autorização para utilizar o laboratório de fotografia e, só assim, dar início aos registros fotográficos.

Dividimos as sessões de fotos em dois dias, porque duas modelos estavam impossibilitadas de comparecer em uma das datas marcadas. O primeiro dia contou com a presença de dois produtores e três modelos, com um saldo de 187 fotos. A timidez inicial das modelos não foi um problema. Uma das modelos explica que “estranhamente, à medida que íamos nos aprontando para as fotos, discutindo poses e ideias, toda a timidez e insegurança se esvaíram.” (POPP, 2014) Em pouco tempo, a produção diária foi satisfatória. O segundo dia não foi diferente. Tivemos o apoio de mais um integrante na produção e uma das modelos, que já havia fotografado no dia anterior, compareceu novamente e facilitou a realização do trabalho.

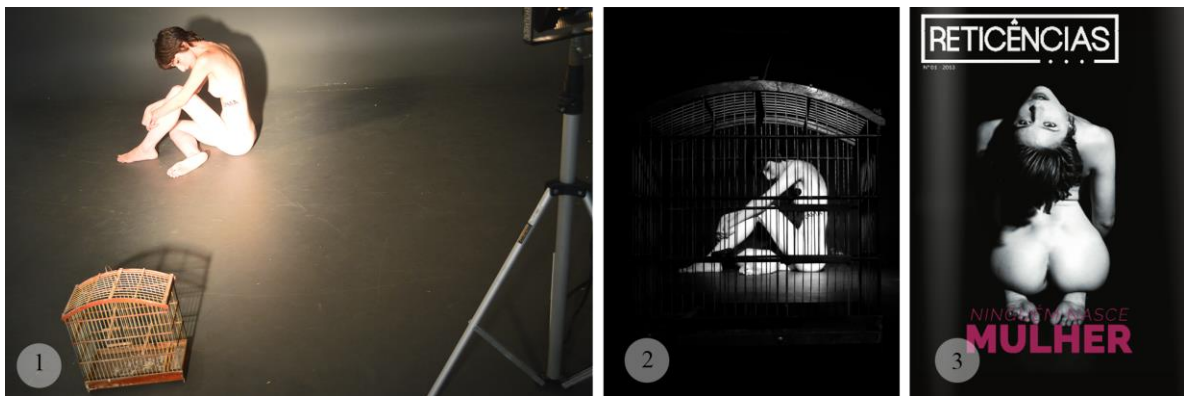
Após a captura das imagens, vimos a necessidade de editar as fotografias, já que muitas delas não tiveram o contraste e iluminação desejada. Assim elas deveriam passar por um processo de manipulação digital. No livro “O novo manual de fotografia”, John Hedgecoe discorre sobre o processo de pós-produção.

A câmera é só o ponto de partida. Ela cria uma imagem que pode ser posteriormente trabalhada e manipulada de muitas maneiras, através dos métodos convencionais, no laboratório fotográfico, ou das técnicas digitais de computação. (HEDGECOE, 2005, p.355).

Todas as fotografias selecionadas foram ajustadas no processo de pós-produção digital. Utilizando o software “Adobe Photoshop CS5” corrigimos os níveis de exposição

da fotografia proporcionando equilíbrio entre os tons claros, escuros e neutros da imagem. Além disso, o programa possibilitou a aplicação da escala de cinza nas fotografias, colocando o efeito dramático desejado.

As fotos foram feitas em um equipamento pessoal. Uma Canon Powershot SX40HS registrou 500 fotos no total. A quantidade demasiada de cliques é explicada pela experimentação do processo de produção, testando ângulos, iluminação e poses. Para garantir a qualidade do produto final, é necessário escolher as melhores imagens para compor o projeto. Ao todo o ensaio foi composto por 10 fotos, em que apenas nove delas foram utilizadas no projeto gráfico da revista, sendo uma a foto de capa, devido ao espaço restrito da publicação, que seria impressa em 2014.



- 1 - A experimentação era uma das técnicas mais utilizadas para a captação das fotografias.
- 2 - Resultado do processo de edição digital no software Adobe Photoshop CS5.
- 3 - Capa da revista Reticências, produto final da disciplina de Jornalismo Impresso I.

Pensando nisso, resolvemos inserir todas as fotos escolhidas em um material para que a ausência de algumas fotos não prejudicasse os nossos objetivos. Além de fotos que ocupam a página inteira, algumas outras receberam títulos como “Força de pai nosso”, “Moradia do medo”, “Súplica de voz”, “Pouso” e “Fique noite”, oferecendo ao leitor um direcionamento de olhar que vai de encontro ao olhar do fotógrafo. A publicação especial também conta com a presença de uma foto extra para ilustrar a ficha técnica e uma breve consideração sobre a proposta do projeto.



- 4 - Capa da publicação especial com as imagens do ensaio.
- 5 - Foto extra inserida na publicação especial para ilustrar a ficha técnica e introduzir o tema.

6 CONSIDERAÇÕES

Como afirmamos durante todo o *paper*, os objetivos do ensaio eram claros: inserir uma discussão na sociedade e gerar uma reflexão sobre o direito ao corpo feminino. Temos o orgulho de saber que tais propostas foram, aos poucos, executadas. A revista *Reticências*, fora disponibilizada virtualmente na plataforma *Issu*⁵ e divulgada para grupos de comunicação e autores cearenses de blogs.

Em um deles, no “Blog do Plínio Bortolotti”, o autor questionava se a capa da revista (contendo uma foto do ensaio) seria uma provocação ao machismo ou um apelo ao “erótico chique”. Em instantes abrimos uma discussão na internet sobre os questionamentos do jornalista, os direitos que a mulher tem sobre o próprio corpo e as diferenças entre erótico e pornográfico. Sendo assim, ampliamos discussões que se mostram relevantes para efetivação desse direito.

Uma mulher é erótica porque é nua? Quando está nu, um ser é erótico? Ser erótico depende da intenção do autor e da leitura. [...] As fotografias do ensaio *Desmudas* e a própria plástica das atrizes invoca um encantamento, por serem belas e por transparecer a tristeza de alguns símbolos que as revestem. (BORTOLOTTI, 2014)⁶

Ao trazer o ensaio com as mulheres nuas, não se contribui para desmistificar e, ao mesmo tempo, provocar algumas concepções cristalizadas socialmente, inclusive de que o erotismo seria ruim? Se não contribui para entender a mulher como um objeto, mas, pelo contrário, abre uma discussão sobre isso, por que o elemento erótico degradaria o trabalho feito? Acho, na verdade, que é uma virtude do projeto, ao conseguir trabalhar com a nudez de forma bela e, ao mesmo tempo, levantando debate e reflexão. (BORTOLOTTI, 2014).⁷

Dessa forma podemos verificar que o debate na sociedade fora iniciado, ainda que com uma pequena divulgação da publicação. Confirmamos, portanto, que as produções universitárias têm o papel de levantar discussões em pontos de vistas diferentes e, se bem feitas, gerar as devidas reflexões no público leitor.

Reforçamos, por fim, os ideais presentes no projeto, acreditando que “o corpo é muito - muito mesmo - mais do que nos ensinam ao longo da vida. Corpo é arma de luta. É ferramenta para inquietar e questionar. O corpo é nosso e, portanto, é o que quisermos que seja.” (POPP, 2014).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

⁵ http://issuu.com/danieldantaslemos/docs/revista_definitiva/1

⁶ Comentário do sujeito Jadiel Lima.

⁷ Comentário do sujeito Camila Mont’Alverne.

PIMENTEL, Sílvia. VILLELA, Wilza. **Um pouco da história da luta feminista pela descriminalização do aborto no Brasil**. Ciência e Cultura. São Paulo, 2012. Disponível em: < http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-67252012000200010&script=sci_arttext > Acesso em 24 de março de 2014.

SCAVONE, Lucila. **Nosso corpo nos pertence? Discursos feministas do corpo**. Gênero. Niterói, 2010. Disponível em: < <http://www.ieg.ufsc.br/admin/downloads/artigos/16042013-114127revgenerov10n2dosie03.pdf> > Acesso em 24 de março de 2014.

HEDGECOE, John. **O novo manual de fotografia**: guia completo para todos os formatos. São Paulo: Ed. Senac, 2005.

POPP, Frida. **Participação no ensaio Desmudas**. Entrevista concedida por email em 27 de março de 2014.

WEIL, Pierre. TOMPAKOV, Roland. **O corpo fala**: a linguagem silenciosa da comunicação não-verbal. 55.ed. Petrópolis: Vozes, 2002. Disponível em: < <http://www.teleaulaead.com.br/ocorpofala.pdf> > Acesso em 25 de março de 2014.

BORTOLOTTI, Plínio. “Mulheres” é o tema da revista “Reticências”, de estudantes do curso de Jornalismo da UFC. Blogs O POVO. Fortaleza, 2014. Disponível em: < <http://blog.opovo.com.br/pliniobortolotti/mulheres-e-o-tema-da-revista-reticencias-curso-de-jornalismo-da-ufc/> > Acesso em 24 de março de 2014.